

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 48, n. 2, p. 149-160, julho-dezembro 2018

 <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2018.2.32207>

Dossiê: LAICATO NA IGREJA E NO MUNDO

Fontes e dimensões da espiritualidade dos leigos: do Vaticano II ao Documento 105 da CNBB

Sources and Dimensions of Lay Spirituality: From Vatican II to CNBB Document 105

Rudy Albino da Assunção*

RESUMO

Os documentos do magistério eclesiástico falam frequentemente de “espiritualidade dos leigos”. Para entendê-la é preciso percorrer os textos que tocam no tema desde o Concílio Vaticano II, passando pelas Conferências do CELAM, pelo magistério de João Paulo II e do Papa Francisco, chegando ao Documento 105 da CNBB. Assim, ter-se-á uma visão global dos elementos distintivos desta espiritualidade, aprofundando as suas fontes (os auxílios) e, também, as suas dimensões constitutivos. Este artigo defende que a espiritualidade laical depende essencialmente da participação da liturgia e engloba múltiplas formas, tais como a devoção popular, sem esquecer da sua necessária adaptabilidade aos diversos estados de vida.

Palavras-chave: Espiritualidade. Leigos. Liturgia. Virtudes. Piedade popular.

ABSTRACT

The documents of the ecclesiastical magisterium often speak of “spirituality of the laity”. In order to understand it, it is necessary to go through the texts that touch on the theme from the Second Vatican Council, through the CELAM Conferences, the magisterium of John Paul II and Pope Francis, arriving at Document 105 of the CNBB. Thus, an overview of the distinctive elements of this spirituality will be developed, deepening its sources (the aids) and also its constitutive dimensions. This article argues that lay spirituality depends essentially on the participation of the liturgy and encompasses multiple forms, such as popular devotion, not forgetting its necessary adaptability to different states of life.

Keywords: Spirituality. Laity. Liturgy. Virtues. Popular piety.

* Bacharel em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque (2005), Mestre e Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010, 2016). Faz seu estágio de Pós-Doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É coordenador dos cursos de Filosofia e Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá. <rudyalbino@unicatolicaquixada.edu.br>



INTRODUÇÃO

Falar sobre “espiritualidade dos leigos”¹ ainda é um desafio, mesmo depois de todo o protagonismo reconhecido ao laicato a partir do Concílio Vaticano II. Primeiramente, porque isso implica primeiramente uma definição mais clara do que é o *leigo* e do seu lugar na *Igreja* e no *mundo*, trabalho ao qual muitos outros se dedicaram com mais que evidente e superior competência². Para além deste problema “conceitual”, resta definir o que é *espiritualidade* laical.

Temos, é verdade, uma “teologia do laicato” relativamente bem desenvolvida, que teve seu auge nas décadas de 40, 50 e 60³, que oferece algum material sobre o tema. Mas há, também, um número significativo de menções nos documentos da Igreja – aqui mencionada em sentido *estrito, hierárquico* (da Santa Sé, das Conferências Episcopais latino-americanas e da CNBB) – que tratam explicitamente de uma espiritualidade de certo modo *específica, própria*, aplicável ao laicato. Deste modo, este estudo visa esquadriñar os sentidos atribuídos a este tipo de espiritualidade no magistério eclesial a partir do Vaticano II até o Papa Francisco e o Documento 105 da CNBB, esclarecendo que a conexão entre os diversos documentos que temos desde a década de 60 é indispensável para uma visão compreensiva da natureza e das formas da vida espiritual dos fiéis leigos⁴.

Portanto, aos leigos precisa ficar claro o que os seus pastores dizem ou esperam da espiritualidade que lhes cabe cultivar para corresponderem aos sacramentos que receberam, também para que a partir daí comecem a falar e aprofundar por si mesmos como se “concretiza” tal espiritualidade no seu dia-a-dia e nas suas multiformes ocupações. Dito de outro modo, é preciso adiantar que mais do que apontar a *especificidade* ou *singularidade* desta espiritualidade – o que exigiria um longo trabalho de comparação com o que é pedido de outros estados de vida em termos espirituais – nesta exposição se quer apenas mostrar quais as principais *fontes* e as *características* ou *dimensões* atribuídas à espiritualidade dos leigos no ensino oficial hierárquico.

1 SACROSANCTUM CONCILIUM: PARTICIPAÇÃO ATIVA E ESPIRITUALIDADE

O primeiro documento do Vaticano II – a *Sacrosanctum Concilium* (1963) nos oferece três importantíssimos parágrafos (nn. 11-13) que devem iluminar o nosso tema. O n. 11 fala diretamente da participação ativa, plena e consciente na liturgia, que pede “retidão de espírito”, a união ou concordância de mente e voz como condições para que ela aconteça. Depois, o n. 12, vai falar de uma “vida espiritual extralitúrgica”,

¹ Maria Clara L. Bingemer questionava se se devia falar de uma espiritualidade laical ou de uma espiritualidade cristã (*A identidade cristica*, p. 59). Muito antes o teólogo dominicano Yves Congar já advertia: “não há senão um Cristianismo e a obrigação de tender à união com Deus em Cristo, portanto à santidade, longe de ser um privilégio oneroso dos padres e dos religiosos, impõe-se a todos os cristãos a título desse único Cristianismo que lhes é comum. Entretanto, as vocações são diversas, diversas as situações e as condições de vida, diversos os deveres concretos e os estados. De maneira que é ao mesmo tempo verdade dizer que não há uma espiritualidade própria dos leigos, porque eles não têm outra além da espiritualidade comum, e que há uma espiritualidade da vida leiga em confronto com a espiritualidade da vida sacerdotal ou da vida religiosa...” (*Os leigos na Igreja*, p. 586-587). Deste modo, acrescentava que “não há senão uma ‘espiritualidade’ do cristão na rota do mundo” (p. 587).

² O conceito de leigo passou por um “difícil parto” (ALMEIDA, 2012, p. 42). Cf., por exemplo, CONGAR, Y. Leigo, p. 127-149. Alexandre Faivre, em *Os leigos nas origens da Igreja*, recorda que o Novo Testamento não conhece o termo *leigo*. Apelando para a etimologia recorda a consciência do NT de que todos são *Kleronomoi* (herdeiros). Segundo ele, *Kleros* designava um quinhão tirado por sorte, uma herança (cf. eleição de Matias; Ef 2, 19; Cl 1, 12 etc.). “O Novo Testamento não conhece laicato, mas um povo, um povo santo, um povo eleito, um povo *posto à parte*, um *Kleros* que exerce todo ele um *sacerdócio régio*, que chama cada um dos seus membros a prestar a Deus um culto verdadeiro em espírito” (p. 21).

³ Cf. ALMEIDA, A. J. *Apostolicam actuositatem. Texto e comentário*.

⁴ A literatura recente sobre o laicato não deu atenção suficiente ao tema. Em geral, concentra-se no seu papel *ativo* no mundo e na Igreja, descuidando da dimensão espiritual da sua existência. Um exemplo disso está em PASSOS, J. D. (Org.). *Sujeitos no mundo e na Igreja*.

recordando a “participação na sagrada Liturgia não esgota, todavia, a vida espiritual”, convidando a todos à oração pessoal e à nossa união com os sofrimentos de Cristo, transformada em “oferta eterna” a Deus. Já o n. 13 fala dos “exercícios piedosos do povo cristão” – não regulados e codificados em livros litúrgicos – devem se ater às leis e normas eclesiais. De qualquer modo importa ressaltar que a vida espiritual dos fiéis (neste caso, de todos, inclusive ordenados) deve haurir da liturgia toda a sua força da Liturgia e deve se prolongar na vida cotidiana, encarnando-se, por exemplo, nos *pia populi chistiani exercitia*. A liturgia é vida espiritual do mesmo modo que a vida deve se guiar por uma espiritualidade litúrgica. Nesse sentido é que Alberto Beckhäuser diz: “Os números 11-13 tratam da Liturgia na vida espiritual dos fiéis. Se a Sagrada Liturgia está no centro, se é o coração da vida cristã, então, é também o centro da espiritualidade dos fiéis” (p. 30). Embora a liturgia não esgote a vida espiritual dos fiéis “toda esta espiritualidade nasce da Sagrada Liturgia”⁵. A conclusão simples é: não se pode falar de espiritualidade, inclusive laical, sem falar de liturgia e de vida cotidiana, como ficará mais claro nos tópicos seguintes.

2 LUMEN GENTIUM: SANTIFICAR-SE CONSAGRANDO O MUNDO

A Constituição Dogmática *Lumen gentium* do Concílio Vaticano II (1964), em seu n. 31, apresenta uma definição de conceito e de vocação dos leigos: sua “vocação própria” é “procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus”; a eles cabe buscar “a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade”. Precisamos frisar que aqui aparecem as *virtutes theologais*, que na *Apostolicam actuositatem* também figurarão na explicitação que o Decreto faz na hora de descrever a espiritualidade dos leigos, apresentando as diversas direções nas quais devem se desdobrar na vida laical.

O n. 34 reflete o que a Constituição entende como vida espiritual dos fiéis leigos, inspirada na ideia de *consecratio mundi*⁶, lendo-a a partir do múnus de santificar inerente ao batismo recebido pelos leigos. Nota-se aí que as categorias sacrais, sacrificiais ou ainda litúrgico-sacramentais – tais como consagração, unção, oblação – aparecem no início da sumarização da *vida laical a partir do Espírito* feita pelo Concílio: a vida, se “feita no Espírito”, é o exercício do sacerdócio batismal (eis uma primeira aproximação do primeiro múnus de Cristo do qual os leigos participam a seu modo), que “habilita” o leigo a unir-se ao sacrifício eucarístico, oferecido por intermédio do sacerdócio ministerial.

3 APOSTOLICAM ACTUOSITATEM: PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA, TRABALHO, VIRTUDES

O Decreto *Apostolicam actuositatem* sobre o apostolado dos leigos do Vaticano II (1965) dedica o n. 4 inteiramente ao tema d’*A espiritualidade dos leigos em ordem ao apostolado*. Não define explicitamente o amplo conceito de “espiritualidade”, mas trata ali da “união vital com Cristo”, da “vida de íntima união com Cristo” e ainda da “orientação espiritual da vida”. Esta união é vital, não circunstancial; deve ser contínua, não esporádica: a espiritualidade depende de uma conexão permanente com Jesus, tal

⁵ BECKHÄUSER, A. *Sacrosanctum Concilium. Texto e comentário*, p. 32.

⁶ Cf. CHENU, M. D. Os Leigos e a “Consecratio Mundi”, p. 1001-1017.

como os ramos à videira (cf. *Jo* 15, 5), o que a *Christifideles laici* de João Paulo II explorará no seu capítulo I.

Chama atenção o fato que a espiritualidade está *em ordem ao apostolado*. Com este subtítulo o Decreto já põe uma barreira para algum tipo de espiritualidade puramente intimista, desencarnada, que se dirigisse *unicamente* à “salvação da alma” do fiel. Toda a vida espiritual deve ser um sair de si: em direção a Deus, ao mundo, aos outros. Comentando o n. 2 do decreto, o teólogo J. Ratzinger comentava exatamente “que a vocação cristã é essencialmente dinâmica. [...] Ser cristão, na realidade, significa avançar para além de si mesmo. Significa interessar-se também pelo outro e não apenas pela própria pessoa”⁷.

A *Apostolicam actuositatem* remete ao n. 11 da *Sacrosanctum Concilium*, ao tratar da *actuosa participatio*⁸ que tanto desejava promover o Vaticano II. Ela diz que o cristão deve “se servir” dos “auxílios espirituais que são comuns a todos os fiéis, sobretudo pela ativa participação na Sagrada Liturgia”. Então estamos falando de uma “espiritualidade litúrgica”⁹, de uma vida espiritual que tem sua fonte na vida litúrgica da Igreja, nos seus ritos e ritmos. O grande desafio está, precisamente, em reforçar, resgatar, sobretudo por meio da mistagogia, o caráter litúrgico da espiritualidade laical, que incide sobre a vida diária. Ou seja, o objetivo do aprofundamento dos fiéis no que toca o tema da espiritualidade não é só aumentar o número daqueles que acedem aos sacramentos, mas que o que o fazem vivem segundo os sacramentos que recebem, tal como muitas vezes diz a oração depois da comunhão. Nesse sentido, é atualíssima a advertência de Goffredo Boselli:

Convenço-me sempre mais de que a pergunta decisiva [...] não é antes de tudo como os fiéis vivem a liturgia, mas se eles vivem da liturgia que celebram. O modo como se vive a liturgia depende em grande medida, do fato de como eles vivem da liturgia [...] Se vivem da liturgia, os fiéis a viverão diversamente, porque é ela mesma a ter em si aquelas energias essenciais para ser fonte da sua vida espiritual¹⁰.

Mas há um aspecto adicional: sua “união com Cristo” deve crescer “exercendo o seu trabalho segundo a vontade de Deus”. Isso lhes permitirá crescer em santidade. *Liturgia e trabalho*: a obra de Deus e do homem (liturgia) e a obra do homem segundo a vontade Deus (trabalho), fundada na primeira, pode levar o cristão a progredir na perfeição e nas virtudes. Aqui o Vaticano II consagra a concepção de santificação *pelo* trabalho ou *no* trabalho.

A espiritualidade dos leigos também passa pelo “contínuo exercício da fé, da esperança e da caridade” (n. 4), menção feita também na *Lumen gentium*: o documento salienta que somente a luz da *fé* e a meditação da Palavra de Deus permitem ver Deus por trás de todos os acontecimentos, até mesmo dos mais ordinários, comuns; ao tratar da *esperança*, ele mostra que ela ajuda o cristão e ser livre da escravidão das riquezas – ou seja, a esperar em Deus – e a olhar para o sofrimento na perspectiva da glória futura. Por fim, a vida da *caridade*, a prática do bem deve ser vivida no “espírito das bem-aventuranças”.

⁷ RATZINGER, J. *O novo povo de Deus*, p. 361.

⁸ Sobre a concepção conciliar, consulte-se o texto de BARAÚNA, G. A participação ativa, princípio inspirador e diretivo da constituição litúrgica, p. 281-353.

⁹ Sobre o tema cf. AUGÉ, M. *Liturgia*, p. 338-352.

¹⁰ BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 9. Para aprofundar o tema, cf. CASTELLANO, J. *Liturgia e vida espiritual*, particularmente as partes I e III (p. 17-128 e 345-447).

Um último aspecto presente no n. 4 – sem esquecer a Virgem Maria como modelo – diz respeito à peculiaridade da espiritualidade dos leigos, que deve se adaptar aos diversos estados de vida: ao matrimônio e à família, ao celibato e à viuvez. E mais do que isso: o decreto prevê uma espiritualidade própria de associações e institutos (ainda não fala de *movimentos*). Ou seja, grupos específicos dentro da Igreja podem encontrar em determinada associação uma forma *singular* de viver a vida no Espírito.

4 MEDELLÍN: ENTREGAR-SE A DEUS ENTREGANDO-SE AOS HOMENS

Não podemos descurar das diretivas dos documentos do CELAM acerca do tema desta investigação. Por isso, é preciso olhar com atenção inicialmente para as conclusões de Medellín e Puebla que tocam o tema em tela¹¹, deixando assim Aparecida um pouco mais para o fim, por motivos que serão ainda expostos.

A II Conferência do Episcopado Latinoamericano em Medellín (1968) pedia o fomento de “uma espiritualidade própria dos leigos, baseada em sua própria experiência de compromisso com o mundo, ajudando-os a se entregarem a Deus, entregando-se aos homens”¹². Como os pastores da Igreja devem promover esta espiritualidade para os leigos? “Ensinando-os a redescobrir o sentido da oração e da liturgia como expressão e alimento dessa dupla e recíproca doação”¹³. *Expressão e alimento*: oração (pessoal) e liturgia nutrem a espiritualidade cristã autêntica, são fontes dela. Ambas contribuem para a *dupla oblação/entrega* que os leigos realizam: a Deus e ao mundo. Fazem a oferta de si mesmos. Mais uma vez a piedade pessoal e ação litúrgica da Igreja estão no núcleo da vida espiritual laical; mais uma vez uma compreensão litúrgico-sacramental esclarece aquilo que os ministros ordenados pedem dos fiéis leigos.

5 PUEBLA: NÃO À FUGA DO MUNDO PARA OS LEIGOS

A III Conferência do Episcopado Latinoamericano em Puebla, no México (1979) falará, para o leigo, de uma “espiritualidade mais apropriada à sua condição” (n. 796). Dentre as suas “dimensões essenciais” (n. 797) estão:

- que o leigo não fuja às realidades temporais para buscar a Deus, e sim persevere, presente e ativo, no meio delas e ali encontre o Senhor;
- infunda nesta presença e atividade uma inspiração de fé e um sentido de caridade cristã;
- à luz da fé, descubra nesta realidade a presença do Senhor;

Ao contrário de uma inspiração numa *fuga mundi* (típica da espiritualidade monástica) o documento pede uma *vida ativa* no meio do mundo. Ao mesmo que descobre Deus no mundo, infunde nele sua fé e sua caridade (não há aqui menção explícita da virtude da esperança). Em seguida (cf. n. 798) Puebla relembra que a renovação da identidade cristã depende do contato permanente com a Palavra de Deus, com os sacramentos (sobretudo a Eucaristia) e com a oração; recorda além disso que esta espiritualidade é capaz de dar à Igreja e ao mundo cristãos leigos – citando S. João Paulo II – “fundados numa densa vida espiritual” (n. 799)¹⁴.

¹¹ A IV Conferência do CELAM, realizada em Santo Domingo, capital da República Dominicana, não se atém estritamente ao tema. O n. 99 do documento final pede, apenas, mais publicações sobre espiritualidade laical. A menção à Conferência de Aparecida fica para mais adiante, pois preciso abordar antes o pontificado de Francisco para situar adequadamente a menção ao documento que a *Gaudete et exsultate* faz.

¹² CELAM, *Conclusões de Medellín*, p. 118.

¹³ CELAM, *Conclusões de Medellín*, p. 118.

¹⁴ Puebla também trata do trinômio: liturgia – oração particular – piedade popular (nn. 895-963).

6 *CHISTIFIDELES LAICI: UMA CHAMADA À “UNIDADE DE VIDA”*

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Chistifideles laici* de S. João Paulo II (1988) não trata extensamente da espiritualidade dos leigos, mas se apoia mais diretamente na *Apostolicam actuositatem*. Contudo, é de se salientar que, ao chamar a atenção para a vitalidade do laicato no pós-Concílio, enumerando inclusive sinais muito positivos de sua atuação no seio de Igreja, aparece mais uma vez a “participação ativa na liturgia” (n. 2). Buscando uma descrição positiva do laicato na esteira do Concílio a Exortação afirma que: “A inserção em Cristo através da fé e dos sacramentos da iniciação cristã é a raiz primeira que dá origem à nova condição do cristão no mistério da Igreja...” (n. 9). Por isso dedica boa parte do texto às consequências de conceito de leigo fundado na inserção eclesial que advém dos sacramentos de iniciação e a delimitar quais os aspectos do exercício do tríplice múnus sacerdotal, profético e real tal como deve ser vivido pelos leigos (cf. nn. 9-14). Mas dentro do tema que nos toca, o documento exortará cada cristão a uma “unidade de vida” (nn. 17, 59). Talvez assim se esclareça o modo de viver “espiritual” a que é chamado o leigo, no qual o documento retoma o n. 4 da *Apostolicam actuositatem* em sua alusão às virtudes teologais:

Não pode haver na sua existência duas vidas paralelas: por um lado, a vida chamada “espiritual”, com os seus valores e exigências; e, por outro, a chamada vida “secular”, ou seja, a vida da família, do trabalho, das relações sociais, do empenhamento político e da cultura. [...] Toda a atividade, toda a situação, todo o empenho concreto – como, por exemplo, a competência e a solidariedade no trabalho, o amor e a dedicação na família e na educação dos filhos, o serviço social e político, a proposta da verdade na esfera da cultura. – são ocasiões providenciais de um “contínuo exercício da fé, da esperança e da caridade” (n. 54).

A Exortação retoma o tema da formação espiritual dos leigos a partir do n. 4 da *Apostolicam actuositatem*. No n. 56 retoma uma belíssima página de São Francisco de Sales. Em seguida retoma o discurso do n. 4 sobre uma espiritualidade adequada a cada um dos estratos ou dos estados de vida englobados pelo laicato.

7 COMPÊNDIO DE DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA: NEM ESPIRITUALISMO NEM ATIVISMO

O *Compêndio de Doutrina Social da Igreja* (publicado em 2004) também dedica uma parte à espiritualidade do cristão leigo (cf. nn. 541-546). Ele conceitua o leigo, no n. 541, como aquele que “*indole secular de sua sequela de Cristo, que se realiza propriamente no mundo*”¹⁵. Sua identidade está radicada nos sacramentos de iniciação e dessa origem deriva sua espiritualidade. Ao mesmo tempo, expõe o seu conceito de espiritualidade laical, expondo os extremos nos quais ela não pode cair:

Uma semelhante espiritualidade edifica o mundo segundo o Espírito de Jesus: torna capaz de olhar para além da história, sem dela se afastar; de cultivar um amor apaixonado por Deus, sem tirar o olhar dos irmãos, que se conseguem ver como os vê o Senhor e amar como Ele os ama. É uma espiritualidade que foge

¹⁵PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 301.

tanto do *espiritualismo intimista* como do *ativismo social* e sabe exprimir-se em uma síntese vital que confere unidade, significado e esperança à existência, por tantas e várias razões, contraditória e fragmentada”¹⁶.

Talvez o *Compêndio* de DSI seja um texto mais claro e objetivo sobre o nosso tema. Ele oferece inclusive indicações de elementos bíblicos, litúrgicos, dentre outros, que são fundamentais para a construção de um caminho de espiritualidade laical:

*A síntese entre fé e vida exige um caminho ritmado com sabedoria pelos elementos qualificadores do itinerário cristão: a referência à Palavra de Deus; a celebração litúrgica do Mistério cristão; a oração pessoal; a experiência eclesial autêntica, enriquecida pelo particular serviço formativo de sábios guias espirituais; o exercício das virtudes sociais e o perseverante esforço de formação cultural e profissional*¹⁷.

8 GAUDETE ET EXSULTATE: NEM ATIVISMO NEM INDIVIDUALISMO, MAS SANTIDADE

Na sua recente exortação à santidade, Papa Francisco não discorre especificamente sobre a espiritualidade laical. Afinal é um documento que fala do chamado *universal* à santidade no mundo de *hoje*, na esteira do Vaticano II (cf. nn. 10-11; *LG 10*)¹⁸. Neste documento, Francisco nos dá uma interessante chave de leitura do seu magistério referente ao nosso tema: no n. 28 fala de “três espiritualidades” que aparecem em seus documentos: a da *missão*, na *Evangelii gaudium*; a *ecológica*, na *Laudato si*; e a da *vida familiar*, na *Amoris laetitia*. Ou seja, a relação com Deus, a união com Ele, abre o cristão para o mundo, leva-o a anunciar a todos a Boa nova que orienta a sua vida; ao mesmo tempo ela toca, determina a relação com as coisas criadas: amar o Deus criador leva a amar o que Ele criou, a cuidar da natureza; por fim, não há verdadeira união vital com Deus se não se olha para a própria família, para o próprio casamento com o olhos d’Ele. Estas três direções da espiritualidade são fundamentais para a vida cristã.

Olhemos brevemente ao menos para *Evangelii gaudium* e *Amoris laetitia*, que estão mais intimamente relacionados com o modo de viver espiritual, por assim, do laicato.

9 EVANGELII GAUDIUM: CONTRA A ESPIRITUALIDADE DO CONSUMO E DO BEM-ESTAR

Como entender a espiritualidade da missão da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (2013) do Papa Francisco? Primeiramente, o Papa alerta para o problema que se dá quando “a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização” (n. 78). Isso pode afetar os

¹⁶PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p.302. Por outro lado, o então Cardeal J. Ratzinger criticava a “a ideia de que uma pessoa é tanto mais cristã quanto mais se envolve em atividades eclesiais. Praticar-se uma espécie de terapia ocupacional eclesial”. (*Compreender a Igreja hoje*, p. 81). Uma vida eclesial intensa também pode ser puro ativismo, sobretudo quando não é vivida sob a perspectiva sobrenatural.

¹⁷PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 303.

¹⁸Embora não trate especificamente do tema de que nos ocupamos, no documento “franciscano” emergem muitas afirmações ligadas a um estado de vida laical, sobretudo acerca de uma santidade simples, ordinária, cotidiana (cf., sobretudo, os nn. 7 e 14). Há, no entanto, uma linha que liga a *Apostolicam actuositatem* e a *Gaudete et exsultate*: no já referido n. 4 do primeiro documento se falava do “espírito das bem-aventuranças” que deve guiar os leigos na sua vida no mundo; no segundo o Papa Francisco apresenta uma verdadeira “ladainha” das bem-aventuranças (nn. 65-94), explicando-as uma a uma, mostrando como elas podem ser traduzidas na vida. Está por ser feita uma leitura “laical” deste texto.

evangelizadores da Igreja que, mesmo rezando, podem ser atingidos por três males inter-relacionados segundo o Papa: o *individualismo*, a *crise de identidade* e o *declínio do fervor* (n. 78).

Vê-se que o Papa foca sua crítica num tipo de espiritualidade fechada – alheia à comunidade – demasiado aberta e acomodada (não adaptada) ao mundo contemporâneo em sua variação pequeno-burguesa capitalista. Uma espiritualidade do consumo, que instrumentaliza a religião, a fé cristã, para alcançar bem-estar e não a salvação. Por isso, Francisco faz duras críticas à “preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento” (n. 78) e à “espiritualidade do bem-estar” como também a “uma ‘teologia da prosperidade’ sem compromissos fraternos” e às “experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista” (n. 90). Ou seja, para ele a verdadeira espiritualidade cristã transfere-se para o mundo, a fim de fermentá-lo, edificá-lo segundo a novidade de Cristo. A *Apostolicam actuositatem* falava que o cultivo da espiritualidade laical era *em ordem ao apostolado*. Aqui Papa Francisco lembra que enfatiza explicitamente que ela é *missionária*.

Por fim, uma menção que a *Evangelii gaudium* (n. 124) faz ao Documento de Aparecida é fundamental para mostrar que a espiritualidade dos leigos é legitimamente vivida na “espiritualidade popular” ou na “mística popular”, o que apresentaremos a seguir.

10 DOCUMENTO DE APARECIDA: ESPIRITUALIDADE TRINITÁRIA E PIEDADE POPULAR

Mas, antes, é preciso recordar que em Aparecida (2007), os bispos unidos a Bento XVI pediam uma “espiritualidade de comunhão missionária” (n. 201). E, ao falar dos fiéis leigos, chamavam atenção, dentre outras coisas, para o perigo de uma “espiritualidade individualista” (n. 100, c) e de uma “compreensão limitada do caráter secular que constitui a identidade própria e específica dos fiéis leigos” (n. 100, c). O documento defendia que a formação de discípulos missionários dependia de uma “espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo”, fundada na “Trindade-Amor”. E para vivê-la Aparecida recorre a categorias sacramentais; o documento parte dos sacramentos de iniciação: “A experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se funda na Trindade” (n. 240). E mais: “É Deus Pai que nos atrai por meio da entrega eucarística de seu Filho (cf. *Jo* 6,44), dom de amor com o qual saiu ao encontro de seus filhos, para que, renovados pela força do Espírito, possamos chamá-lo de Pai...” (n. 241).

Ao mesmo tempo o documento defende que a piedade popular é legítima expressão de uma espiritualidade cristã (nn. 258-265). Ela contribui para a união vital com Cristo que se espera dela (n. 261):

A piedade popular penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel e ainda que se viva em uma multidão, não é uma “espiritualidade de massas”. Nos diferentes momentos da luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus: um crucifixo, um rosário, uma vela que se acende para acompanhar um filho em sua enfermidade, um Pai Nosso recitado entre lágrimas, um olhar entranhável a uma imagem querida de Maria, um sorriso dirigido ao Céu em meio a uma simples alegria (2007).

O Documento de Aparecida mostra que esta piedade conduz a “um contato mais direto com a Bíblia” e a “uma maior participação nos sacramentos” por meio da qual

“chegarão a desfrutar da celebração dominical da Eucaristia e viverão melhor o serviço do amor solidário” (n. 262). Recorde-se que na *Apostolicam actuositatem* se viu que o centro da espiritualidade laical está na liturgia; mas esta é melhor vivida quando a piedade popular – vivenciada no interior da família ou nos encontros de oração entre famílias vizinhas, nas novenas, nos rosários, nas procissões, nas peregrinações ou romarias – é promovida, orientada pelos pastores, que deverão direcioná-la precisamente para a liturgia. Isso fica muito claro nas seguintes palavras do Papa Francisco no contexto de sua reflexão sobre a reforma litúrgica do Vaticano II:

Por conseguinte, não devemos esquecer que é antes de tudo a liturgia que expressa a *pietas* de todo o povo de Deus, prolongada depois por piedosos exercícios e devoções que conhecemos com o nome de piedade popular, que devemos valorizar em harmonia com a liturgia¹⁹.

11 AMORIS LAETITIA: UMA ESPIRITUALIDADE DE MÚLTIPLAS DIMENSÕES

Aqui o critério cronológico adotado até o momento foi colocado de lado, mas seguir a chave de leitura dos documentos do Papa Francisco oferecida pelo n. 28. O cap. IX de *Amoris Laetitia* – “Espiritualidade conjugal e familiar” – oferece quatro pontos de interpretação desta espiritualidade:

1. *Espiritualidade da comunhão sobrenatural*: aí o casamento aparece como imagem da própria Trindade e o Papa diz que “a espiritualidade matrimonial é uma espiritualidade do vínculo habitado pelo amor divino” (n. 315). A família é “verdadeiro caminho de santificação na vida ordinária e de crescimento místico, um meio para a união íntima com Deus” (n. 316). Palavras de grande exaltação da família e do casamento, pois reconhece as possibilidades de elevação mística que eles propiciam.
2. *Unidos em oração à luz da Páscoa*: a oração da família é lida sob a ótica fé pascal. Mais do que isso: Francisco faz uma extraordinária ligação entre a oração familiar e a liturgia, entre o matrimônio e a eucaristia a partir do conceito de *aliança*:

A oração em família é um meio privilegiado para exprimir e reforçar esta fé pascal. [...] As várias expressões da piedade popular são um tesouro de espiritualidade para muitas famílias. O caminho comunitário de oração atinge o seu ponto culminante ao participarem juntos na Eucaristia, sobretudo no contexto do descanso dominical. Jesus bate à porta da família, para partilhar com ela a Ceia Eucarística (cf. *Ap* 3, 20). Aqui, os esposos podem voltar incessantemente a selar a aliança pascal que os uniu e reflete a Aliança que Deus selou com a humanidade na Cruz. A Eucaristia é o sacramento da Nova Aliança, em que se atualiza a ação redentora de Cristo (cf. *Lc* 22, 20). Constatamos, assim, os laços íntimos que existem entre a vida conjugal e a Eucaristia. O alimento da Eucaristia é força e estímulo para viver cada dia a aliança matrimonial como “igreja doméstica” (n. 318).

3. *Espiritualidade do amor exclusivo e libertador*: neste ponto o Papa Francisco opera com um certo paradoxo: segundo o Papa, no casamento “vive-se também o sentido de pertencer completamente a uma única pessoa” (n. 319) ao mesmo tempo em que se experimentar nele um “espaço de sã autonomia: quando cada um descobre que o outro não é seu, mas tem um proprietário muito mais importante, o seu único Senhor” (n. 320).

¹⁹FRANCISCO, *Discurso aos participantes na 68ª Semana Litúrgica Nacional* (24.08.2017).

4. *Espiritualidade da solicitude, da consolação e do estímulo*: o Papa Francisco defende que “a família ‘foi desde sempre o “hospital” mais próximo” (n. 321) e que “a vida da família é um ‘pastoreio’ misericordioso” (n. 322). E talvez o mais desafiante deste tópico: “É uma experiência espiritual profunda contemplar cada ente querido com os olhos de Deus e reconhecer Cristo nele” (n. 323).

12 DOCUMENTO 105 DA CNBB: UMA ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO E MISSÃO

Um último aceno neste texto deve ser feito acerca da referência que o Documento 105 da CNBB (2016) fez à espiritualidade dos leigos. Ele contém basicamente três pontos (dos quatro do tópico) em torno do tema, inspirados em muitos dos documentos aqui aprofundados. No documento reaparece a ideia de uma “espiritualidade encarnada”²⁰, radicada na encarnação de Jesus, fundada na fé e na caridade. O mais significativo é que ela deve ser uma “espiritualidade da comunhão e da missão”²¹ fundada no diálogo, na partilha etc.

Muito interessante também é a alusão crítica que a CNBB fez às “místicas que não servem”²² por serem individualistas, sentimentais, alheias ao compromisso social. Por fim, mais uma vez o documento ressalta que a *espiritualidade popular* é uma forma de “autoevangelização” guiada pelo Espírito Santo. Dado o contexto, legitima-se a piedade popular como expressão da espiritualidade laical.

CONCLUSÃO

Agora é possível enumerar alguns pontos fundamentais trazidos à luz por esta exposição, que pretendeu olhar comparativamente para os diversos textos magisteriais que tocam o objeto desta investigação. Portanto, a título de síntese é possível afirmar acerca da espiritualidade dos leigos que:

A liturgia é a fonte principal da espiritualidade laical: não se pode falar da última sem olhar para a primeira. Embora seja mais evidente que os ministros ordenados – que vivem *para* a liturgia – devem se nutrir do culto divino, aos leigos cabe igualmente viver *da* liturgia. O nosso desafio é realizar uma catequese mistagógica e uma evangelização que potencialize a participação litúrgica muitas vezes semanal e reduzida a pouco mais de uma hora de tal modo que ela realmente alimente a vida cotidiana.

É uma espiritualidade do trabalho: trabalhar é um meio privilegiado de santificar-se. Preencher o fatigante e repetitivo trabalho ordinário de verdadeiro significado salvífico, redentor, é um meio de viver segundo o Espírito.

Passa pelo exercício das virtudes teológicas: esta é uma das ideias mais insistentes dos documentos. A *Apostolicam actuositatem* apresentou algumas linhas gerais que devem ser detalhadas para que se entenda esta encarnação, esta vivência de virtudes que vêm de Deus.

É uma espiritualidade multiforme e adaptada a cada estado de vida: há exemplos, há modelos de espiritualidade, mas não há formatos cristalizados. Cada um, segundo o seu estado, de acordo também com as próprias inclinações pessoais – muitas vezes dominadas pela própria personalidade ou sensibilidade – pode encontrar o seu caminho

²⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e no mundo*, p. 117.

²¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e no mundo*, p. 121.

²² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e no mundo*, p. 123.

para viver as exigências de uma comunhão com Deus que transborde para a existência cotidiana.

Não pode ser individualista, nem extramundana e nem mesmo puramente ativista: a espiritualidade dos leigos deve conservar a sua “secularidade”; o leigo não pode viver como monge, como também não pode fugir do mundo em outro sentido: ignorando os outros, os seus problemas, as suas aflições, confinando-se no próprio mundo, excluindo-se a vivência comunitária da fé. A vida espiritual não ignora a individualidade, mas não pode ser individualista. Deve ser aberta, dinâmica, missionária. Além do mais, não pode ser reduzida ao empenho, à luta social, totalmente desprovida de senso sobrenatural de busca do Reino de Deus que o próprio Senhor deve instaurar.

A piedade popular é forma reconhecida e privilegiada de espiritualidade dos leigos: as formas tradicionais de piedade, na maior parte das vezes nascidas da cultura e da inspiração de um povo sensível aos sinais e intervenções de Deus, são formas legítimas de iluminar a própria vida com a fé. Na sua simplicidade, traduzem na linguagem simbólica, pictórica e musical o que aprendem na liturgia e na pregação dos pastores. Os santos – que na liturgia estão em comunhão conosco – se tornam companheiros do caminho, membros da família, amigos para todas as horas do dia e para todos os momentos da vida.

Muitos outros aspectos poderiam ser ressaltados, mas estes já abrem horizontes de reflexão e já deixam claros os desafios que temos quando queremos falar de modo adequado da espiritualidade dos leigos. A porta do debate está aberta.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antonio José de. *Apostolicam actuositatem*. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.
- AUGÉ, Matias. *Liturgia*. História, Celebração, Teologia, Espiritualidade. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1998.
- BARAÚNA, Guilherme. A participação ativa, princípio inspirador e diretivo da constituição litúrgica. In: BARAÚNA, Guilherme (Org.). *A sagrada liturgia renovada pelo Concílio*. Petrópolis: Vozes, 1964. p. 281-353.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium*. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *A identidade cristica*. Sobre a identidade, a vocação e a missão dos leigos. São Paulo: Loyola, 1998.
- BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual*. Teologia, Celebração, Experiência. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CHENU, Marie-Dominique. Os Leigos e a “Consecratio Mundi”. In: BARAÚNA, Guilherme (Org.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 1001-1017.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, 04.13.1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 26 ago. 2018.
- _____. Constituição Dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja, 21.11.64. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 25 ago. 2018.
- _____. Decreto *Apostolicam actuositatem* sobre o apostolado dos leigos, 18.11.65. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html>. Acesso em: 25 ago. 2018.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. Conclusões de Medellín. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Conclusões de Puebla. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Conclusões de Santo Domingo. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007. 2. ed. Brasília; São Paulo: Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*. Sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-14). Documentos da CNBB 105. São Paulo: Paulinas, 2016.

CONGAR, Yves Marie-Joseph. *Os leigos na Igreja*. Escalões para uma teologia do laicato. São Paulo: Herder, 1966.

_____. Leigo. In: FRIES, Heinrich. *Dicionário da Teologia*. Conceitos fundamentais da Teologia atual. São Paulo: Loyola, 1987. v. III, p. 127-149.

FAIVRE, Alexandre. *Os leigos nas origens da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1992.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii gaudium ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. 24.11.13. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 04 set. 2018.

_____. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia* aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas, aos esposos cristãos e a todos os fiéis leigos sobre o amor na família, 19.03.16. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html>. Acesso em: 04 set. 2018.

_____. Discurso aos participantes na 68ª Semana Litúrgica Nacional, 24.08.17. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html#_edn16>. Acesso em: 26 ago. 2018.

_____. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre a chamada à santidade no mundo atual, 19.03.18. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html>. Acesso em: 26 nov. 2018.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles laici* sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, 30.12.88. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html>. Acesso em: 27 ago. 18.

PASSOS, João Décio (Org.). *Sujeitos no mundo e na Igreja*. Reflexões sobre o laicato a partir do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2014.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

RATZINGER, Joseph. *O novo povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

_____. *Compreender a Igreja hoje*. Petrópolis: Vozes, 1992.

Recebido em: 12/10/2018

Aprovado em: 21/11/2018

Correspondência para:

Prof. Dr. Rudy Albino da Assunção
Centro Universitário Católica de Quixadá
Rua Juvêncio Alves, 660 - Centro
CEP 63900-257 Quixadá, CE, Brasil